

NOTICIÁRIO

CONTRIBUIÇÃO À REFORMA DO ENSINO

Por iniciativa de um grupo de professores e de associações de classe do pessoal docente de primeiro e segundo graus das disciplinas de Geografia, História e Organização Social e Política, realizou-se a 16 de maio corrente, em São Paulo, uma reunião com a finalidade de discutir a situação daquelas disciplinas de acordo com a Reforma do Ensino que está sendo implantada.

Uma rápida análise da Lei da Reforma do Ensino (5.692) e suas complementações deixou bem claro, entre outros pontos, que:

1. — criou-se um *núcleo comum*, obrigatório em âmbito nacional;
2. — o Conselho Federal de Educação responsabilizou-se pela fixação das matérias relativas ao núcleo comum, definindo-lhes os objetivos e a amplitude;
3. — o Conselho Federal de Educação definiu três grandes *áreas de estudos* para reunir as matérias do núcleo comum, sendo uma delas *Estudos Sociais*, cujo conteúdo seria o ensino da Geografia, da História e da Organização Social e Política;
4. — os Conselhos Estaduais de Educação indicarão as matérias que complementarão o núcleo comum na organização dos currículos de 1º e 2º graus;
5. — as matérias dos currículos serão oferecidas na forma de *disciplinas, áreas de estudos e atividades*, formando o chamado "currículo pleno"; entende-se como *atividades* o ensino e a aprendizagem através de experiências obtidas em situações concretas, próprias para as quatro primeiras séries do 1º grau; entende-se como *áreas de estudo* a integração de conteúdos afins, conforme entendimentos entre os responsáveis de mais de uma disciplina (o que, aliás, já é norma nas boas escolas), visando a oferecer não só experiências mais ricas (na forma de atividades) mas também conhecimentos sistemáticos; e como *disciplinas* o ensino e aprendizagem de conhecimentos sistemáticos específicos.

Acreditamos estar bem clara a posição da Geografia, da História e da Organização Social e Política. Não podem ter cabimento, pois, os receios de professores, administradores e outros, quanto à fusão desses ensinamentos, os quais perderiam individualidade e autonomia, a não ser que haja má interpretação ou distorção do que preconizam a Lei da Reforma e as Resoluções que a complementaram.

A ocorrência dessa hipótese (a fusão) traria graves conseqüências, só admissíveis em uma fase de retrocesso do ensino, tais como:

1. — rebaixamento de qualidade do professor;
2. — fusão de disciplinas que não se podem confundir, a não ser que se ignorem os princípios metodológicos que as norteiam;
3. — interferência negativa na formação de uma cidadania consciente e, pois, na própria segurança nacional, o que não é conveniente, em momento algum ao País;
4. — total desprestígio de instituições como os Institutos de Geo-Ciências e as Faculdades de Ciências Humanas das Universidades brasileiras e organizações como o Instituto Brasileiro de Geografia (IBG) e congêneres, que têm oferecido as bases para quase todos os planejamentos (nacionais, regionais, de urbanização, metropolização, etc.), responsáveis por boa parte do progresso do País;
5. — esvaziamento dos recursos humanos de entidades estatais, cada dia mais necessitadas da participação de técnicas em geo-ciências, com evidente prejuízo para os interesses nacionais;
6. — empobrecimento, também, dos institutos que mantêm cursos de pós-graduação em Geografia e História, com a conseqüente extinção de seus especialistas;
7. — desajustamento no mercado de trabalho.

Por estas e outras conseqüências, que facilmente seriam acrescentadas, somos de opinião que as autoridades devem manter o ensino da Geografia e da História como disciplinas individualizadas. O próprio Conselheiro Valmir Chagas deixou bem claro esse propósito em sua resposta à Associação Brasileira dos Professores de Geografia, ao afirmar que

“a individualização da Geografia e História na área de Estudos Sociais no 1º grau se fará a partir de quando seja didática e psicologicamente recomendável, e obrigatoriamente no 2º grau”.

Não só nossa experiência e vivência, mas a própria orientação do ensino e da aprendizagem, fazendo passar da fase de *atividades* para a de *área de estudo*, indicam ser à 5a. série a mais recomendável para o início dessa individualização.

Os signatários deste memorial confiam em que as autoridades aceitem a argumentação nele exposta e deliberem em tempo hábil, na defesa dos altos interesses do ensino.

São Paulo, 16 de maio de 1972.

- Américo Jacobina Lacombe, Ex-Secretário da Educação da Guanabara; Vice-Presidente do Instituto Histórico da Academia Portuguesa de História.
- Aziz Nacib Ab'Saber, Diretor do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo.
- David Márcio Santos Rodrigues, Vice-Presidente do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais.
- Eduardo d'Oliveira França, Presidente da Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Eurípedes Simões de Paula, Diretor da Faculdade de de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Presidente da Associação Nacional dos Professores Universitários de História.
- Faustino Fávoro, Presidente da Associação dos Professores do Paraná.
- Isidoro Goldenberg, Representante da APESNOESP (Associação dos Professores do Ensino Secundário e Normal do Estado de São Paulo).
- João Antônio Rodrigues, Presidente da Associação Brasileira dos Professores de Geografia (ABPG).
- José Bueno Conti, Diretor da Seção Regional de São Paulo da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB/SP).
- José Ribeiro de Araújo Filho, Presidente Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).
- Manuel Nunes Dias, Chefe do Departamento de História da Universidade de São Paulo.
- Pasquale Petrone, Chefe do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.
- Antônio José Borges Hermida, Professor de História do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, GB.
- Antônio Rocha Penteado, Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.
- Ary de Almeida, Professor de Geografia da Faculdade Gama Filho, Rio de Janeiro, GB.
- Aroldo de Azevedo, Ex-Catedrático do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.
- Carla de Queiroz, Professora do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo.
- Celso Antunes, Professor da Faculdade de Filosofia Carlos Pasquale, SP.
- Clovis Bittencourt Dottori, Professor do Colégio D. Pedro II, Rio de Janeiro, GB.
- Dulcídio Dibo, Professor do Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Eli Piccolo, Professor do Departamento de Geografia da Universidade Católica de Campinas, SP.
- Ella Granzstein Dottori, Professôra de Didática de História do Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Emmanuel Veiga Garcia, Professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo.
- Ilmar Rohloff de Mattos, Coordenador do Curso de História do Centro de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Luiz Gonzaga O. Pinto, Professor efetivo do ensino secundário oficial de São Paulo.
- J. B. Damasco Penna, Diretor da Biblioteca do Colégio Rio Branco de São Paulo.
- J. F. de Almeida Prado, Historiador.
- João Cipriano de Freitas, Coordenador da Área de Estudos Sociais da Faculdade Farias Brito, de Guarulhos, SP.
- José de Arruda Penteado, Professor da Fundação Armando Álvares Penteado.
- José Honório Rodrigues, Professor de História do Estado da Guanabara e membro da Academia Brasileira de Letras.
- José Luiz Werneck da Silva, Professor de Cultura Brasileira na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Faculdade de Comunicação da O. H. A. E. C., Rio de Janeiro.
- José Sebastião Witter, Professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo.
- Julierme de Abreu e Castro, Professor Universitário em Piracicaba, SP.
- Lívia de Oliveira, Professor de Didática Especial e Prática de Ensino de Geografia da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, SP.
- Mário de Biasi, Professor de Cartografia da Universidade de São Paulo.
- Nelson Massatake Yoshikae, Coordenador do Departamento de Geografia da Faculdade Camilo Castelo Branco, Itaquera, SP.
- Nilo Bernardes, Professor catedrático do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, GB.
- Octacílio Dias, Professor da Fundação Lusíadas de Santos e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Odilon Nogueira de Matos, Professor do Departamento de História da Universidade Católica de Campinas.
- Sérgio Buarque de Hollanda, Ex-Catedrático de História do Brasil da Universidade de São Paulo.
- Suely Robles Reis de Queiroz, Professôra do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

Sylvia Barbosa Ferraz, Professôra da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo.

Vicente Tapajós, Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Virgílio Noya Pinto, Professor da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo.

Zoraide Victorello Beltrame, Professôra do Ensino Oficial e Ex-Professôra da Assistência Pedagógica da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

* *
*

DEFESA DE TESE DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS PELO LICENCIADO SHOZO MOTOYAMA.

No dia 22 de dezembro de 1971, defendeu tese para a obtenção do grau de Doutor em História, o licenciando Shozo Motoyama, tendo sido plenamente aprovado pela banca examinadora composta pelos professores: Eurípedes Simões de Paula (Orientador), José Sebastião Witter, Sadao Isotani, Ulpiano B. de Menezes e Carlos Guilherme Mota. A tese versou sôbre o tema: "Galileu Galilei (a lógica do desenvolvimento científico)".

Iniciando a argüição, o Prof. Sadao Isotani pediu ao candidato um esclarecimento sôbre a relação fundamental entre dedução matemática, experiência e sistemas pretéritos, utilizada na tese. Além disso, achou necessária uma exposição dos pontos básicos da teoria de Taketani e da teoria da contrastação, para melhor elucidação dos ouvintes. Ao mesmo tempo, declarou que gostaria que o candidato esclarecesse, em que medida, as duas teorias entram na tese, pois, aparentemente elas não são complementares. Continuando, o Prof. Isotani diz discordar da afirmação apresentada na tese de que a teoria da cosmovisão vem antes da teoria da força impressa. Parece-lhe verdadeira a ordem inversa, já que a teoria da força impressa não admite existência do vácuo.

Respondendo, o candidato salientou a existência de diversos enfoques em História das Ciências, como os do *The British Journal for the History of Science*, *Isis*, *Sissou* e outros. Diz que na sua tese, a relação fundamental está em termos de categorias lógicas, enquadrando-se portanto na linha da *Sissou*. Continuando, ressaltou a impossibilidade temporal de expor as duas teorias, esclarecendo porém que a teoria dos 3 estágios de Taketani reconhece a existência de 3 níveis lógicos na edificação de uma teoria científica: o estágio fenomenológico, o estágio substancialístico, e o estágio essencial. Salientou a necessidade de se notar que êstes estágios são de ordem lógica e não exatamente de ordem histórica. Quanto à utilização na tese, diz

que a análise foi baseada na teoria de Taketani e que a teoria de Popper foi utilizada no estudo da consistência interna dos sistemas. Explica que apesar da sua tese estar baseada nas duas teorias, elas não passam de instrumento, e que o fundamental é o papel desempenhado pelo sistema pretérito. Defendendo a sua afirmação de que a cosmovisão mecanicista vem antes da teoria da força impressa, o candidato esclareceu que a ordem inversa teria sido extremamente vantajosa para a sua tese. Porém, a característica da teoria da força impressa é justamente o reconhecimento do vácuo, em oposição à teoria peripatética. E é por isso que podemos falar em velocidade natural na teoria da força impressa. O candidato terminou esclarecendo que a *virtus impressa* era auto-decrescente e não se mantinha constante como o *impetus* de Buridan.

*

Em seguida o Prof. José Sebastião Witter começando a sua arguição, salientou que fazer História das Ciências não é tarefa fácil visto que é uma área em que deve haver associação de vários especialistas e em que deve-se considerar uma série de fatores para se fazer uma pesquisa. Criticou na tese a apresentação de afirmações categóricas demais, como a de que Galileu não escreveu como pesquisou, visto que os relatórios científicos nunca foram retratos fiéis das pesquisas realizadas e achou ousado o candidato afirmar que Galileu o fez para minimizar a herança medieval. Estranhou que o candidato tenha ignorado aspectos relevantes e mesmo atualmente muito discutidos como o problema do *serendipity*. Quanto à apresentação da tese diz que na parte I do trabalho, não há nada de novo e que esta parte não está diretamente relacionada com o que foi proposto na tese. Na parte II diz que o tema parece muito artificial ou pelo menos de que é ausente o fato de que este desenvolvimento todo estar relacionado às condições econômicas e outras mais. A seu ver o candidato deveria ter feito uma elaboração pessoal da estrutura e método da ciência de então ou pelo menos ter relacionado as duas partes do trabalho. Porém, salientou que nesta parte do trabalho o objetivo foi melhor atingido. Afirmou que a tese poderia ter se restringido à última parte, apresentando aí diferentes aspectos, velhas teorias, discriminando a influência do velho e mostrando simultaneamente a atuação da época de Galileu. Diz que talvez fosse possível fazer quadros comparativos que permitissem estabelecer correlações ou mesmo calcular em termos de *bits* de informação. Quanto à redação criticou o aparecimento de expressões pouco científicas e a falta de homogeneidade nas referências bibliográficas.

O Prof. Shozo Motoyama inicialmente agradeceu às críticas recebidas e diz que vai tentar assimilá-las. Respondendo à crítica feita ao seu comentário sobre os escritos de Galileu, disse que houve mal entendido, pois aquela não foi a sua intenção, mas sim que seu comentário era o de um historiador que lamenta este fato como lamentaria outros. Comentou ainda que Galileu era exceção no fato de deixar transparecer muito claramente o seu desprezo pela escolástica. Quanto ao problema do *serendipity*, disse ter sido deliberadamente ignorado, pois como o seu enfoque

foi de nível lógico este aspecto está fora do contexto. Quanto à apresentação disse que apesar da parte I ser a menos original do trabalho, a originalidade não está ausente dela. Os estudos sobre Arquimedes são inteiramente originais e se não há originalidade em relação ao conteúdo no restante, há originalidade na forma e na seleção do material. A seleção do material foi feita tendo em vista o posterior aproveitamento da empresa a vista. Quanto à parte II explicou que a aparente superficialidade é natural para uma pessoa não acostumada a lidar com problemas de lógica e que devido à elaboração técnica onde todas as palavras têm um significado próprio, esse clima não podia ser evitado. Continuando, o candidato disse reear que sua tese não tenha sido compreendida, já que se tivesse feito um enfoque em *bits* de informação, estaria operando com uma lógica superficial e não espacial como aquela usada na tese. Quanto ao uso de expressões literárias, o candidato explicou vir do fato dele ser adepto da união da ciência e arte como pregava Monteiro Lobato. Também disse aceitar completamente as críticas referentes à apresentação e à parte gráfica.

*

Começando a sua arguição, o Prof. Ulpiano B. de Menezes ressaltou a necessidade de haver uma perspectiva histórica e de definir os objetivos da História das Ciências. Disse que inclusive o estudo da História das Ciências parece resumir-se ao estudo das teorias científicas, citando o livro de Bernal, *Science in History*, no qual existem aberturas úteis como: a ciência como instituição, fontes de idéia, traçado do período mental, etc. Em seguida pôs em dúvida o esquema da acumulação das teorias de Sarton e a medida em que a teoria de Popper e a teoria tetrádica contribuem para este aspecto. Sobre a citação de Tomonaga acerca da estrutura interna da ciência, disse ser impossível falar em estrutura interna divorciada de variáveis sociais e históricas. O Prof. Ulpiano comentou que na exposição sobre ciência alexandrina, havia falta de base histórica, não correspondendo à realidade o paralelismo entre física aristotélica e a sociedade escravocrata, dizendo que o processo é justamente o inverso, as idéias básicas vindo da geometria. Criticou também na exposição sobre Arquimedes, uma pobreza de relacionamento da tecnologia. Salientou aspectos muito positivos na tese, como a demonstração de uso operativo de sistemas pretéritos. Quanto à estrutura, a seu ver, a parte que caracteriza a herança foi escrita de modo muito didático e enciclopédico dando a impressão de linearidade. Na redação e bibliografia notou falhas. Terminando disse achar que faltava na tese uma aproximação do tipo da feita por Koyré, quanto à perspectiva histórica.

Inicialmente o candidato agradeceu às críticas feitas, como contribuição ao seu estudo. Respondendo às observações feitas, disse considerar o problema de perspectiva histórica muito interessante e importante, porém, lembrou novamente os diferentes enfoques possíveis em História das Ciências, cada um importante a seu modo, não se devendo enquadrá-los num mesmo contexto. Observou que mesmo Koyré é

muito criticado e encarado com reservas, e que por isso seria ousado tomá-lo como padrão. Disse estar de acôrdo com a afirmação de Bernal de que a ciência é uma instituição, mas que mesmo assim, podemos estabelecer a existência de diferentes níveis: a instituição tem uma estrutura espacial. Quanto à citação de Tomonaga, disse considerá-la válida, pois deve ser reconhecida a existência de leis internas e próprias do desenvolvimento científico, e que Tomonaga não nega as influências das variáveis sociais e históricas, mas, que estas não bastam para assegurar o desenvolvimento da ciência. Continuando, explicou que apesar de considerar Sarton um grande historiador, a sua teoria acumulativa não desempenhava papel importante na sua tese. Quanto ao problema da ciência alexandrina e de Arquimedes, o candidato disse haver divergência de ponto de vista. Respondendo à crítica de linearidade histórica, o candidato afirmou ser compreensível esta impressão, pois o seu instrumento principal de análise foi a teoria de Taketani e que esta teoria havia sido atacada quando surgiu, principalmente por pessoas pouco esclarecidas sôbre ela. A teoria foi taxada de linear e mecânica e dá esta impressão pela sua fachada simples, porém ela esconde uma estrutura muito complexa. O candidato terminou afirmando que não havia sido sua intenção fazer história ortodoxa e muito menos uma exposição enciclopédica e sim construir.

*

O Prof. Carlos Guilherme Mota, de início, falou sôbre a necessidade da disciplina de História das Ciências junto ao Departamento de História, e ressaltou o trabalho realizado pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula que vem dando todo o seu apóio aos elementos jovens do Departamento. Sôbre a tese, disse existirem afirmações gratuitas como a de que Galileu dispensa apresentações. A seguir disse que a seu ver deveria haver um enfoque do tipo do de Cassirer e propôs também um estudo do vocabulário de Galileu, faltando no trabalho uma menção ao livro de Lucien Febvre. Na bibliografia notou ainda a falta dos livros de Banfi, de Mondolfo e estranhou que tenha aparecido o livro *Sociedade democrática e os seus inimigos* de Popper. A seguir, ressaltou que mesmo considerando a ciência como sistema autônomo, é preciso integrar o momento e traçar o quadro mental da sociedade, política e religião. Disse duvidar da teoria da acumulação do conhecimento e pediu um esclarecimento sôbre o termo fase de transição pois a História é sempre um estudo da transição. Disse que pela tese Galileu parece um herói do tipo carleiliano e que seria preciso estabelecer as balizas da nova física e mostrar o seu engajamento, a sua interação política e ideológica. O Prof. Carlos G. Mota sugeriu ainda que talvez fôsse interessante tratar mais da metafísica de Galileu, da sua preocupação religiosa que se pode notar na carta escrita ao padre Castelli e a Cristina di Lorena, e que também seria interessante o estudo da repressão à atividade científica de que entre outros Galileu foi vítima.

O Prof. Shozo Motoyam aproveitou a oportunidade para agradecer a acolhida que a disciplina de História das Ciências teve no Departamento de História e em

particular ao Prof. Eurípedes Simões de Paula que tem dado todo o apóio ao grupo. Disse ainda que estas condições deram-lhe estímulo e clima propício e salutar para o seu trabalho. Respondendo às questões levantadas, disse achar justificável falar em fase de transição em História das Ciências, pois existem fases em que o ritmo de transição se torna acelerado — qualitativamente, como foi a passagem da mecânica peripatética para a mecânica newtoniana, e quantitativamente, como foi o desenvolvimento da mecânica depois de Newton. Disse ainda ter antevisto a possibilidade de uma pesquisa do vocabulário de Galileu, porém baseada em um outro contexto. Notou que todo aquele que lê as obras de Galileu sente-se surpreso em notar uma falta de consistência no vocabulário usado por êle: o momento, o ímpeto, a energia, a força, nem sempre significam a mesma coisa e muitas vezes são intercambiáveis. Este estudo seria muito rico. O candidato disse ter chegado a uma conclusão reconfortadora pelo fato de que, qualquer que seja a formação acadêmica, conquanto que se tenha em mente uma pesquisa séria, anteve-se um caminho comum de pesquisa. A seguir esclareceu que não era sua intenção colocar Galileu como um herói carleiliano e que talvez isso seja resultado de um abuso de adjetivação, porém, em sua tese quis mostrar que o trabalho de Galileu foi produto do trabalho de muitas gerações, mesmo no campo da metodologia, o que normalmente não é observado. A adjetivação usada tinha o objetivo de mostrar que Galileu era bem dotado em seu mister e se Galileu pode ser considerado um herói, não o é absolutamente no sentido carleiliano. Terminando, o candidato observou que as cartas de Galileu a Castelli e a Duquesa Cristina, foram escritas em um clima emocional, em plena disputa teológica e portanto torna-se perigoso um estudo como o que foi sugerido.

*

O Prof. Eurípedes Simões de Paula, inicialmente afirmou ter recebido de braços abertos o grupo de História das Ciências. Em seguida ressaltou o valor da tese, que pode ser considerada boa, como ficou patente nas discussões. E se foi acusada de imatura, a tese amadureceu durante as discussões. Terminando, pediu um esclarecimento do candidato sobre as diversas alusões a Galileu, como o cientista de Pádua, gênio florentino, ou sábio de Pisa.

O candidato respondendo, agradece aos inúmeros estímulos e encorajamentos dados pelo Prof. Eurípedes na confecção da tese. Referindo-se ao problema citado, justificou o uso do nomes das cidades, pois Galileu nasceu em Pisa, Pisa fazia parte do ducado de Florença e a maior parte do seu trabalho foi feito em Pádua.

O presidente da banca e orientador da tese, Prof. Eurípedes Simões de Paula, depois da deliberação da banca examinadora, informou que a tese de doutoramento de Shozo Motoyama merecera aprovação plena.

MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTAS

* *
*

DEFESA DA TESE: "UM SENHORIO RURAL CANADENSE: SAINT-HYCINTHE" PELO LICENCIADO GABRIEL ROY (27-XII-1971).

Realizou-se no Salão Nobre do edifício da Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, das 14,15 às 19,35 horas, perante a banca examinadora integrada pelos professores universitários: Ruy Galvão de Andrada Coelho, Manuel Nunes Dias, José Sebastião Witter, Emanuel Soares da Veiga Garcia e Eurípedes Simões de Paula que a presidiu, a defesa de tese de doutoramento em Ciências (História) sobre a problemática de *Um Senhorio rural canadense — Saint Hyacinthe*, abordada pelo Lic. Gabriel Roy e que foi aprovada com distinção.

Justifica-se informar que o mais recente doutor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, após a sua licenciatura em História, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (São Paulo), transferiu-se para a cidade de Itú (São Paulo) onde, além de atividades docentes, exerceu a de coordenador do Departamento de Estudos Sociais e a de vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Nossa Senhora do Patrocínio". Em obediência ao Estatutos da Universidade de São Paulo submeteu-se anteriormente a duas provas subsidiárias: onde apresentou e defendeu as monografias propostas pelos membros da banca examinadora, Ruy Galvão de Andrada Coelho e Manuel Nunes Dias, professores titulares de Sociologia e de História da Civilização Americana da Universidade de São Paulo, respectivamente: "Estrutura social do Canadá contemporâneo. — O sistema de classes" e "A administração colonial do Canadá francês", tendo obtido, em ambas, a nota máxima: dez.

Quanto à tese propriamente dita, tentar-se-á dar um resumo das interpelações da banca examinadora e as respostas do candidato, de acordo com a ordem pre-estabelecida de arguição.

O Prof. *Emanuel Soares da Veiga Garcia* iniciou a arguição elogiando o trabalho do candidato. A seguir, apresentou observações em relação ao plano, lastimando a ausência de balizas bem definidas. Fêz críticas de caráter técnico, entre as quais o uso da expressão "fontes primárias", a colocação da bibliografia no início do trabalho e das notas em fins de capítulos. No capítulo intitulado "Quadro Geográfico", extranhou nada ter encontrado que mostrasse o elemento humano. Não lhe pareceu oportuno o segundo capítulo, constituído de breves biografias dos sucessivos titulares do senhorio. Segundo o examinador, o capítulo sobre a legislação senhorial poderia ter sido a alma da tese, mas foi modestamente estudado. Embora reconheça haver sido a vida econômica laboriosamente estudada, pareceu-lhe que os problemas relativos aos meios de produção e aos preços deveriam ter merecido maior atenção. Enfim, a abolição do regime senhorial, assunto do último capítulo, não teria merecido por parte do doutorando, um tratamento adequado, afirmando que o problema faz parte do relacionamento entre os elementos de origem francesa e os de origem britânica que se prolonga até os dias atuais.

Respondendo, o candidato agradeceu as palavras elogiosas e expôs os motivos do seu procedimento na elaboração da tese. Considerou que a expressão “fontes primárias” é de ampla divulgação e aceitação no Brasil e lhe pareceu adequada para designar os documentos originais ou de primeira mão, tais como os pesquisados em arquivos e os relatos de viagens. A colocação da bibliografia no início do trabalho não constituía nenhuma inovação, pois numerosos autores assim procedem, haja visto os da coleção *Nouvelle Clio* e vários canadenses, entre os quais Fernand Ouellet, cuja *Histoire économique et sociale du Québec — 1760-1850* vem citada com frequência na tese. No entender do candidato, essa colocação segue a ordem lógica. Como autor, uma das primeiras tarefas — se não a primeira — é a do levantamento das fontes e da bibliografia. Como leitor, esses elementos, juntamente com o índice e a introdução, são os que fornecem uma primeira idéia quanto ao conteúdo e ao valor da obra. No tocante à colocação das notas, o candidato admitiu preferir, sendo leitor, encontrar as mesmas em pé de páginas. Na execução do trabalho, contudo, optou pela técnica mais fácil. A ausência do elemento humano no capítulo referente ao “Quadro Geográfico” prende-se ao fato de que esse mesmo elemento mereceu atenções constantes no desenvolvimento do trabalho. Quanto ao segundo capítulo, pareceu indispensável ao candidato a inclusão das referidas biografias para um perfeito entendimento do desenvolvimento do senhorio e de suas subdivisões. Serviu também para retratar, em parte, o ambiente social da classe senhorial. Que o estudo da legislação poderia ter constituído a alma da tese é também opinião do candidato que disse ter sido proposital a redução dessa parte. Explicou que sendo a legislação o que foi mais estudado em relação ao regime senhorial canadense, preferiu fugir, sair da trilha para concentrar sua atenção e seu esforço sobre o povoamento e a vida econômica do senhorio. Pelo mesmo motivo, não julgou oportuno insistir sobre os problemas decorrentes da passagem do Canadá para a hegemonia britânica. Enfim, no tocante aos problemas relativos aos meios de produção e aos preços, o doutorando respondeu ter-se utilizado de toda a documentação disponível e, primeiro que todos, lastimou não ter encontrado documentação mais farta.

*

O Prof. *José Sebastião Witter* iniciou a sua arguição mencionando duas dificuldades que teve ao examinar a tese. A primeira, deve-se à exigüidade de tempo e a segunda, ao próprio assunto, pois declarou ter estudado pouco a História do Canadá, o que em nada diminuiu o interesse que teve em ler o trabalho. Objetou contra citações longas, próprias a prejudicar a objetividade. No seu entender, as tabelas podiam ter sido melhor aproveitadas, pois o autor se contentou em apresentá-las sem extrair delas todas as informações e explicações que eram de se esperar. Alguns gráficos mereceram do examinador reparos idênticos. Criticou também a falta de exploração da parte geográfica, objeto do primeiro capítulo e a brevidade da conclusão geral do trabalho. Enfim, estranhou que o autor não tivesse demorado mais na análise do anacronismo representado pela obrigação de se pagar “rendas senhoriais” em 1971.

O doutorando agradeceu a contribuição do Prof. Witter e disse-se honrado pelo fato de seu trabalho despertar interesse e contribuir para um melhor conhecimento da História do Canadá no Brasil. O pouco conhecimento que o examinador disse possuir a esse respeito não causa estranheza ao candidato. O Canadá é tão desconhecido no Brasil quanto o Brasil no Canadá. A falta de intercâmbio cultural é gritante. O candidato confessou ter desejado, inicialmente, pesquisar sobre temas de História do Brasil. Ponderações de colegas e de mestres levaram-no a outro campo. O presente trabalho nasceu no momento em que o Prof. Eurípedes Simões de Paula abalou as últimas resistências, convencendo o candidato de que a êle, canadense, cabia contribuir para preencher uma lacuna lastimada. Passando a seguir aos reparos feitos, o candidato endossou a quase totalidade dêles. Uma certa afovação de última hora somada ao cansaço podem ser apontadas como responsáveis pelo que se possa chamar de “cochilos”. Quanto às citações longas, o possível abuso decorreria duma preocupação de objetividade. Quando o documento pareceu dispensar comentários, o autor preferiu deixá-lo falar em vez de tecer considerações em torno dêle. No tocante à melhor exploração das tabelas, o candidato confessou não saber usá-las melhor, talvez por carência de conhecimentos específicos a respeito. As referências aos gráficos surpreenderam-no, pois os mesmos pareceram-lhe suficientemente claros, sem necessitar de legendas mais elaboradas. A crítica referente à parte geográfica foi totalmente endossada pelo candidato que prometeu retocar êsse capítulo em vista de uma eventual publicação do trabalho. Embora reconhecesse ter sido breve a conclusão geral, considerou-a suficiente. No seu entender, as conclusões de cada capítulo compensam essa falha aparente. Uma conclusão geral mais extensa teria levado a repetições. O anacronismo apontado não podia deixar de chamar a atenção. Porém, as breves considerações a respeito pareceram suficientes ao autor que não pretendeu fazer uma análise geral do sistema senhorial e de sua abolição no Canadá.

*

O Prof. *Manuel Nunes Dias* elogiou a farta documentação e, retomando a crítica do Prof. Emanuel Soares da Veiga Garcia, discordou do emprêgo da expressão “fontes primárias”. Disse ter lido e relido a introdução e a conclusão e não ter aí encontrado o que o autor do trabalho quis demonstrar. Discordou do título da tese, da expressão “senhorio rural”. “Por que rural?”, perguntou. “Teria havido senhorio urbano?” Aludindo às Capitanias Hereditárias no Brasil, às quais nega o caráter de hereditário, o examinador levantou a questão no tocante ao senhorio canadense. Trata-se de uma doação vitalícia ou hereditária? Perguntou. O que se delegou foi a administração e não a patrimonialidade. Essa última era do rei, soberano do Estado Moderno. Pela mesma razão, não parecia ao Prof. Nunes Dias que se possa considerar os censitários como estando debaixo de uma autoridade privada. Discordou ainda do emprêgo do termo “leis” para designar o *Costume de Paris* que regia o sistema senhorial canadense. Considera que se trata de Ordenações. Considerou faltar à tese uma análise de conjuntura, não só local como metropolitana e

internacional. Viu provocação na aproximação que, na Introdução da tese, o candidato fez entre o feudalismo e o regime senhorial. Enfim, referindo-se às companhias de comércio no tempo de Richelieu, disse que o papel das mesmas restringia-se a uma política de transporte.

Após agradecer ao examinador pela contribuição prestada e concordar com o mesmo quanto à maior parte das críticas, o candidato lembrou que a expressão “senhorio rural” não é de sua autoria e que a adotou pelo mesmo motivo invocado por Robert Boutruche em seu livro *Seigneurie et Féodalité — le premier âge des liens d'homme*, isto é, por falta de expressão melhor. À pergunta sobre a eventual existência de senhorio urbano no Canadá, o candidato lembrou o da ilha de Montreal, concedido aos padres sulpicianos. Inicialmente rural, transformou-se em cidade. Sobre os caracteres da doação do senhorio pelo rei, o candidato sustenta ser ela hereditária. As cartas de concessão são explícitas a esse respeito e a transmissão de um senhorio por herança em linha direta era isenta de qualquer obrigação pecuniária. Contudo, o rei conservava a soberania e a patrimonialidade, o que várias obrigações vinham lembrar, entre elas, a de Fidelidade e Homenagem que todo novo senhor era obrigado a prestar. A época era de absolutismo real e não se pode esquecer o que aquilo representava nas colônias. Nesse mesmo sentido, deve-se entender a colocação dos censitários debaixo de uma autoridade privada. Tal autoridade, a judiciária por exemplo, não passava de primeira instância. Acima dela estava a justiça real. O candidato justificou o emprego do termo “leis” ao se referir ao *Costume de Paris* dizendo que, por ocasião da Capitulação de Montreal e sob a dominação britânica, para não ferir susceptibilidades, o *Costume de Paris* passou a ser designado por “leis do Canadá” ou “leis do país”. Apenas nesse sentido quis o candidato usar o termo. No tocante à análise de conjuntura, o mesmo admitiu que a sugestão é excelente, mas que não lhe parecera necessário insistir mais devido o caráter do trabalho. O que para o examinador teve aparência de provocação não passou de alerta na intenção do autor da tese. O uso freqüente e impróprio de termos e expressões tais como “feudo”, “leis dos feudos” e mesmo “feudalismo” nos documentos citados e usados e a relação inegável existente entre senhorio e feudalismo mereciam, ao ver do candidato, uma advertência. Em referência às companhias de comércio, não se pode negar-lhes o caráter de transportadoras. Contudo, as que tiveram monopólios na Nova-França arcaram com obrigações colonizadoras. A mais importante, a dos Cem-Associados, devia estabelecer na colônia 4.000 colonos e sustentá-los às suas expensas durante os três primeiros anos de sua vida em terras canadenses. Portanto, concluiu o candidato, não parece que essa companhia tenha sido criada apenas para atender a uma política de transporte.

*

O Prof. *Ruy Galvão de Andrada Coelho* apontou alguns galicismos usados pelo autor da tese; aconselhou-o a grafar com a palavra *Montagnais* o nome dos índios dessa tribo. Valendo-se ainda de seus estudos de antropologia entre os algonquinos,

corroborou a hipótese de Benjamin Sulte, citada pelo candidato quanto a etimologia da palavra *Yamaska*, a qual significaria “savana”. Apoiou a posição do candidato no tocante ao caráter hereditário do senhorio rural canadense. Tal caráter, o examinador o prova pelo direito de *saisine*. A fim de evitar a confusão gerada pelo uso indiscriminado dos termos “lei” e “costume”, sugeriu que numa eventual revisão da tese, se empregasse *Lois des fiefs ou Coutume de Paris*. A persistência do sistema senhorial e de seus vestígios até os dias atuais apresenta um interesse peculiar, observou o argüidor. A relação entre êsse conservantismo prolongado e a evolução econômica merecem um estudo acurado. Finalizou lembrando o alto desenvolvimento dos estudos medievais no Canadá.

Em sua resposta, o candidato disse que os reparos no tocante ao uso de galicismos eram por êle esperados. Primeiro, por ser o francês sua língua materna e, segundo, por ter elaborado a tese a partir de uma documentação quase totalmente em língua francesa. Agradeceu a contribuição valiosa do Prof. Ruy Galvão de Andrada Coelho e disse que embora soubesse de sua vasta cultura, ignorava sua formação jurídica e surpreenderam-no seus conhecimentos dos problemas canadenses. Quanto ao conservantismo, o candidato lembrou a resistência ferrenha oferecida pelos franco-canadenses à britanização e o isolamento cultural em relação à França. Inicialmente, por imposição política e, depois, por prevenção e proteção contra o espírito da Revolução Francesa. Êsse isolamento repercutiu profundamente, por exemplo na língua falada, cujo caráter arcaico se deve, em parte, a êsse fato.

*

O presidente da banca e orientador da tese, Prof. *Euripedes Simões de Paula*, antes de encerrar a sessão fêz, dentre outras, as considerações que se seguem:

a). — Como orientador da tese declarava que a mesma, como é óbvio, somente foi levada à discussão depois de sua aquiescência, oficializada em carta à Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Co-responsável com a mesma, sentia-se portanto, na posição de amparar o candidato que, sozinho soube defender-se muitíssimo bem, mas que julgava dever acrescentar alguns esclarecimentos. Seja sobre o emprêgo do termo “fontes primárias”, criticada por dois dos examinadores, cuja conceituação, em sua amplitude, não lhe parece inadequada. Ainda mais, o candidato que é um dos membros mais assíduos dos Simpósios Nacionais da Associação dos Professores Universitários de História (APUH) vem sentindo a ênfase dada às Fontes Primárias nos temários das sessões de estudo. Outro fato a favorecer os adeptos dêsse conceito: o Curso de Férias para Professores Secundários, realizado de 9 a 21 de fevereiro de 1967 e promovido pela Sociedade de Estudos Históricos, cujo órgão oficial é a *Revista de História*, teve como tônica precisamente: “O levantamento das fontes primárias das cidades e municípios do Estado de São Paulo”, muitos dos quais vêm sendo divulgados pelo mesmo periódico, inclusive as de Itú que, segundo consta, é uma das mais municadas em fontes primárias paulistas.

b). — Em relação às críticas sobre o capítulo “Quadro Geográfico” não as julgou procedentes, pois havendo sempre formado ao lado daqueles que se opuseram à separação dos Cursos de Geografia e História, não podia compreender que se faça a abordagem histórica de um problema sem antes localizar o quadro geográfico, que talvez numa terminologia mais atualizada pudesse ser substituída pelo conceito de “regiões geográficas”, com eventuais *clichés* elucidativos.

c). — Ainda, como curiosidade intelectual, levantou a problemática dos motivos que acionaram a emigração de suecos e poloneses para o Canadá, no início do século passado. Finalmente, congratulando-se com o candidato pelo alto nível da tese que, além do pioneirismo, servirá para um eventual intercâmbio cultural do Brasil com o Canadá.

O candidato solicitou, antes que se encerrasse a sessão, permissão para agradecer aos membros da banca e, em especial ao presidente, sem o qual, afirmou, não teria tido a coragem de, por ora, escrever e defender a tese em julgamento.

O resultado final da defesa de tese foi de 9,10, equivalente à distinção.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

* *
*

SEMINÁRIO SOBRE INSTITUIÇÕES COLONIAIS DA AMÉRICA NO SÉCULO XVIII.

(Universidade de Laval, Quebec, 6 a 10 de março de 1972).

Realizou-se de 6 a 10 de março do corrente ano na Faculdade de Letras da Universidade de Laval o Seminário sobre Instituições Coloniais da América no século XVIII, organizado pela Secção Nacional do Canadá e a Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História.

Participaram delegados das secções nacionais dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Chile, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, México, Nicaragua, Panamá, Paraguai, Perú, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Tomaram parte, igualmente, delegados de diversas instituições do Canadá, assim como o Presidente da Comissão de História e o Secretário Geral do Instituto Panamericano de Geografia e História.

Foram apresentados e discutidos os seguintes trabalhos:

Aspectos de la política española referente a tierras en Nueva Granada durante la segunda mitad del siglo XVIII, pelo professor Jaime Jaramillo Uribe.

Acculturation in the Americas in the 18th century, pelo professor Woodrow Borah.

corroborou a hipótese de Benjamin Sulte, citada pelo candidato quanto a etimologia da palavra *Yamaska*, a qual significaria “savana”. Apoiou a posição do candidato no tocante ao caráter hereditário do senhorio rural canadense. Tal caráter, o examinador o prova pelo direito de *saisine*. A fim de evitar a confusão gerada pelo uso indiscriminado dos termos “lei” e “costume”, sugeriu que numa eventual revisão da tese, se empregasse *Lois des fiefs ou Coutume de Paris*. A persistência do sistema senhorial e de seus vestígios até os dias atuais apresenta um interesse peculiar, observou o argüidor. A relação entre esse conservantismo prolongado e a evolução econômica merecem um estudo acurado. Finalizou lembrando o alto desenvolvimento dos estudos medievais no Canadá.

Em sua resposta, o candidato disse que os reparos no tocante ao uso de galicismos eram por êle esperados. Primeiro, por ser o francês sua língua materna e, segundo, por ter elaborado a tese a partir de uma documentação quase totalmente em língua francesa. Agradeceu a contribuição valiosa do Prof. Ruy Galvão de Andrada Coelho e disse que embora soubesse de sua vasta cultura, ignorava sua formação jurídica e surpreenderam-no seus conhecimentos dos problemas canadenses. Quanto ao conservantismo, o candidato lembrou a resistência ferrenha oferecida pelos franco-canadenses à britanização e o isolamento cultural em relação à França. Inicialmente, por imposição política e, depois, por prevenção e proteção contra o espírito da Revolução Francesa. Esse isolamento repercutiu profundamente; por exemplo na língua falada, cujo caráter arcaico se deve, em parte, a esse fato.

*

O presidente da banca e orientador da tese, Prof. *Euripedes Simões de Paula*, antes de encerrar a sessão fêz, dentre outras, as considerações que se seguem:

a). — Como orientador da tese declarava que a mesma, como é óbvio, somente foi levada à discussão depois de sua aquiescência, oficializada em carta à Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Co-responsável com a mesma, sentia-se portanto, na posição de amparar o candidato que, sozinho soube defender-se muitíssimo bem, mas que julgava dever acrescentar alguns esclarecimentos. Seja sobre o emprêgo do termo “fontes primárias”, criticada por dois dos examinadores, cuja conceituação, em sua amplitude, não lhe parece inadequada. Ainda mais, o candidato que é um dos membros mais assíduos dos Simpósios Nacionais da Associação dos Professores Universitários de História (APUH) vem sentindo a ênfase dada às Fontes Primárias nos temários das sessões de estudo. Outro fato a favorecer os adeptos desse conceito: o Curso de Férias para Professores Secundários, realizado de 9 a 21 de fevereiro de 1967 e promovido pela Sociedade de Estudos Históricos, cujo órgão oficial é a *Revista de História*, teve como tônica precisamente: “O levantamento das fontes primárias das cidades e municípios do Estado de São Paulo”, muitos dos quais vêm sendo divulgados pelo mesmo periódico, inclusive as de Itú que, segundo consta, é uma das mais municadas em fontes primárias paulistas.

b). — Em relação às críticas sobre o capítulo “Quadro Geográfico” não as julgou procedentes, pois havendo sempre formado ao lado daqueles que se opuseram à separação dos Cursos de Geografia e História, não podia compreender que se faça a abordagem histórica de um problema sem antes localizar o quadro geográfico, que talvez numa terminologia mais atualizada pudesse ser substituída pelo conceito de “regiões geográficas”, com eventuais *clichês* elucidativos.

c). — Ainda, como curiosidade intelectual, levantou a problemática dos motivos que acionaram a emigração de suecos e poloneses para o Canadá, no início do século passado. Finalmente, congratulando-se com o candidato pelo alto nível da tese que, além do pioneirismo, servirá para um eventual intercâmbio cultural do Brasil com o Canadá.

O candidato solicitou, antes que se encerrasse a sessão, permissão para agradecer aos membros da banca e, em especial ao presidente, sem o qual, afirmou, não teria tido a coragem de, por ora, escrever e defender a tese em julgamento.

O resultado final da defesa de tese foi de 9,10, equivalente à distinção.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

* *
*

SEMINÁRIO SOBRE INSTITUIÇÕES COLONIAIS DA AMÉRICA NO SÉCULO XVIII.

(Universidade de Laval, Quebec, 6 a 10 de março de 1972).

Realizou-se de 6 a 10 de março do corrente ano na Faculdade de Letras da Universidade de Laval o Seminário sobre Instituições Coloniais da América no século XVIII, organizado pela Secção Nacional do Canadá e a Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História.

Participaram delegados das secções nacionais dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Chile, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, México, Nicaraguá, Panamá, Paraguai, Perú, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Tomaram parte, igualmente, delegados de diversas instituições do Canadá, assim como o Presidente da Comissão de História e o Secretário Geral do Instituto Panamericano de Geografia e História.

Foram apresentados e discutidos os seguintes trabalhos:

Aspectos de la política española referente a tierras en Nueva Granada durante la segunda mitad del siglo XVIII, pelo professor Jaime Jaramillo Uribe.

Acculturation in the Americas in the 18th century, pelo professor Woodrow Borah.

British imperial attitudes in the Americas during the 18th century, pelo professor A. P. Thornton.

Le commerce entre les colonies françaises des Amériques au 18e siècle, et entre les métropoles et les colonies, pelo professor Jacques Mathieu.

El Mercurio y la modernidad ilusoria, pelo professor Bernardo García Martínez.

Proceso de desarticulación del régimen de castas en Panamá durante el siglo XVIII, pelo doutor Alfredo Castillero Calvo.

Efeitos dos movimentos sociais brasileiros na política metropolitana: "revolução" nordestina de 1817, pelo professor Carlos Guilherme Mota.

El septentrión de Nueva España, pela doutora María del Carmen Velázquez.

Los cambios institucionales en el Perú a fines del siglo XVIII y principios del XIX en las colecciones documentales de carácter regional, pela doutora Ella Dunbar Temple.

As discussões e os comentários se encaminham tanto para uma maior compreensão dos problemas e situações expostas pelos autores das comunicações, como para a apresentação de situações similares em outras regiões de um mesmo sistema colonial ou nos demais sistemas imperiais da América.

Um eficiente serviço de tradução simultânea facilitou o desenvolvimento dos trabalhos.

M. R. C. R.

* * *

I CURSO DE HISTÓRIA DE ITÚ.

Em preparação das comemorações do Centenário da "Convenção de Itú" (1873-1973), será realizado em Itú, de 11 de abril a 13 de maio de 1972, o I Curso de História de Itú, sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Nossa Senhora do Patrocínio" e com a colaboração do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Itú. O Curso tem como Coordenador o Prof. Roberto Machado de Carvalho e como Secretário o Prof. Hélio Walter Toccheton.

O Curso será realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e obedecerá ao seguinte programa:

Abril

Dia 11 — 20 horas.

Sessão de Abertura — Prof. João dos Santos Bispo, Diretor do Instituto de Educação "Regente Feijó" de Itú — homenagem aos 40 anos de fundação do tradicional estabelecimento de ensino.

"A Aldeia de Maniçoba e a fundação de Itú" — Padre Hélio Abranches Viotti, S. J.

Dia 15 — 14 horas.

“A evolução urbana de Itú” — Prof. Hélio Walter Toccheton.

Dia 15 — 15 horas.

“Aspectos geográficos da Região Ituana” — Prof. Hélio Walter Toccheton

Dia 18 — 20 horas.

“O bandeirismo paulista e a contribuição de Itú” — Dr. Tito Livio Ferreira.

Dia 22 — 14 horas.

“A Evolução sócio-econômica da região ituana no período colonial —
Profa. Myriam Ellis.

Dia 22 — 15 horas.

“O Episódio das Monções e a participação de Itú” — Dr. Manuel Nunes
Dias.

Dia 25 — 20 horas.

“Itú na Independência do Brasil” — Dr. Álvaro do Amaral.

Dia 29 — 14 horas.

“A economia paulista no Império e a região Ituana” — Prof. Odilon
Nogueira de Matos.

Dia 29 — 15 horas.

“A evolução das Artes em São Paulo e a contribuição de Itú” — Prof.
Odilon Nogueira de Matos.

Maio

Dia. 2 — 20 horas.

“A evolução política e cultural no Império e a contribuição de Itú” —
Dr. Pedro Brasil Bandecchi.

Dia 6 — 14 horas.

“Vultos ituanos no Império e República” — Prof. Roberto Machado
Carvalho.

Dia 6 — 15 horas.

“Aspectos históricos de instrução em Itú” — Prof. Mansueto Santoro.

Dia 9 — 20 horas.

“O significado histórico da Convenção de Itú” — Dr. Vinicio Stein Campos.

Dia 9 — 21 horas.

“Os Museus de Itú” — Dr. Vinicio Stein Campos.

Dia 13 — 15 horas.

“A atual situação política-administrativa de Itú” — Sr. Olavo Volpato,
Prefeito Municipal de Itú.

Dia 13 — 16 horas.

Encerramento.

Prova de aproveitamento — condição: frequência a 80 por cento das aulas
dadas.

E. S. P.

* *
*

O III ENCÔNTO SÔBRE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA.

(*Campinas, julho de 1972*).

Do II Encôntro Brasileiro sôbre Introdução ao Estudo da História, resultou, como já foi noticiado, a aprovação de uma proposta no sentido de realizar-se em Campinas, o III Encôntro, em julho do corrente ano. Presente à reunião de Juiz de Fora, séde do II Encôntro, o responsável por esta nota, e que no ato, representava a UCC, ponderou que a sua Universidade já havia assumido o compromisso de promover um Congresso de História de São Paulo. Longe de verem nisto uma inconveniência, os colegas reunidos na importante cidade mineira, julgaram que seria uma vantagem a reunião simultânea do III Encôntro com o Congresso de História de São Paulo, pois viria propiciar aos professores maiores oportunidades de contactos com os que trabalham em outras áreas da pesquisa e da investigação histórica.

O Magnífico Reitor da sua Universidade, ciente do ocorrido, endossou o compromisso que assumimos em Juiz de Fora e daí autorizar e patrocinar o III Encôntro Brasileiro sôbre Introdução ao Estudo da História, em Campinas, na mesma época do Congresso de História de São Paulo, ou seja de 9 a 15 de julho.

Por proposta, igualmente aprovada na reunião de Juiz de Fora, ficou decidido que os temas do III Encôntro versariam sôbre duas áreas:

- 1). — A parte de Introdução prôpriamente dita comportará os seguintes temas:
 - a). — Lógica (Lógica formal).
 - b). — Epistemologia da ciência (ou Teoria do conhecimento científico).
 - c). — Filosofia crítica da História.
- 2). — A Pesquisa histórica.

O Departamento de História da UCC sugeriu que os tópicos relativos a êste segundo item versassem particularmente sôbre:

- a). — natureza e condições da pesquisa histórica no Brasil;
- b). — a pesquisa histórica na Universidade;
- c). — a pesquisa histórica nos arquivos e museus.

Quanto aos dois últimos tópicos, o interesse maior estaria na verificação de experiências até agora realizadas e das perspectivas que as duas áreas — universidades e arquivos e museus — podem oferecer à pesquisa histórica.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

I SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA.

(Lorena 24 a 30 de julho de 1972).

Realiza-se, de 24 a 30 de julho de 1972, na cidade de Lorena, o I Simpósio de História do Vale do Paraíba. O encontro terá lugar na Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (Rua Dom Bosco, 284).

Poderão participar dos trabalhos, reuniões, excursões e sessões do Simpósio, professores de História, Geografia, pesquisadores, historiadores e pessoas relacionadas com os estudos e pesquisas da História valeparaibana, mediante o preenchimento de ficha de inscrição e do pagamento de taxa de inscrição.

As despesas de viagem, hospedagem e alimentação correrão por conta dos simposiastas.

O encerramento do Simpósio será realizado nos dias 29 e 30 de julho, sábado e domingo, com uma viagem às cidades de Areias, Silveiras, São José do Barreira e Bananal, onde serão visitados os prédios históricos, monumentos, igrejas e sedes de fazendas que assinalam o apogeu e o ciclo do café no Vale do Paraíba.

O programa será o seguinte:

Dia 24. — segunda

tarde: recepção dos congressistas.

noite: sessão solene de instalação — coquetel.

Dia 25. — terça

manhã: conferências.

tarde: grupos de estudos e debates — sessão plenária.

noite: conferência.

Dia 26. — quarta

manhã: conferências.

tarde: excursão à cidade de Pindamonhangaba.

noite: conferência.

- Dia 27. — quinta
manhã: conferências.
tarde: grupos de estudos e debates — sessão plenária.
noite: conferência.
- Dia 28. — sexta
manhã: conferências.
tarde: grupos de estudos e debates — sessão plenária — sessão de encerramento.
noite: recital de Inezita Barroso.
- Dia 29. — sábado
Excursão às cidades de Silveiras, Areias, São José do Barreiro.
Pernoite em Bananal.
- Dia 30. — domingo
Encerramento do Simpósio na cidade de Bananal.

Programa das Conferências.

- Dia 24. — segunda
noite: Acadêmico Francisco de Assis Barbosa.
- Dia 25. — terça
manhã: “*A Evolução Sócio Econômica do Vale do Paraíba num período de Trezentos Anos*” — Prof. José Luiz Pasin, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena.
“*Os Caminhos, os Transportes e o Comércio do Café no Vale do Paraíba*” — Prof. Paulo Percira dos Reis, da Sociedade de Estudos Históricos.
Noite: “*A Influência Cultural do Negro no Vale do Paraíba*” — Profa. Maria de Lourdes Borges Ribeiro, da Comissão Nacional do Folclore.
- Dia 26. — quarta
manhã: “*O Urbanismo no Vale do Paraíba no Ciclo do Café*” — Arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
“*A Arquitetura Urbana do Vale do Paraíba no Ciclo do Café*” — Prof. Dr. Eduardo Kneese de Mello, do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).
noite: “*A Arquitetura Rural do Vale do Paraíba no Ciclo do Café*” — Arquiteto Luiz Saia, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Dia 27. — quinta
manhã: “*Homens Livres na Ordem Escravocrata*” — Profa. Dra. Maria Sylvania de Carvalho Franco, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

“*A Civilização do Café*” — Dr. Antonio Joaquim Alves Motta Sobrinho, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

noite: “*A Sociedade e a Cultura Valeparaibana no Ciclo do Café*” — Prof. Carlos Eugênio Marcondes de Moura, do Museu Histórico e Pedagógico “Conselheiro Rodrigues Alves” — Projeção do Filme “... *E os Mortos Viram Terra*”, direção de Suzana do Amaral Rezende.

Dia 28. — sexta

manhã: “*O Ciclo do Café no Vale do Paraíba e o Processo da Independência*” — Prof. Francisco Sodero Toledo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena.

E. S. P.

* *
*

IV SEMANA DE ESTUDOS DE HISTÓRIA ECONÔMICA.

(Prato, 14-21-IV-1972).

Realiza-se de 14 a 21 de abril de 1972, no *Istituto Internazionale di Storia Economica “Francesco Datini”* (Prato, Itália), a IV Semana de Estudos Econômicos, subordinada ao tema geral: “Crédito, Banco e Investimento, séculos XIII-XX”.

A III Circular distribuída apresenta o seguinte programa:

Sexta-feira, 14 de abril: “Sala Maggiore” do Palácio Comunal.

10,00 horas. — Saudação das Autoridades.

Entrega de diplomas aos estudiosos do IV Curso de Alta Especialização de História Econômica.

10,30 horas. — *Relatório inaugural*:

Prof. L. de Rosa, Universidade de Nápoles: *Credito, banche e investimenti nella storia dello sviluppo economico*.

Prof. J. Bouvier, Universidade de Paris: *Pour une analyse sociale de la monnaie et du crédit: XIXe-XXe siècles*.

Discussão.

20,30 horas. — Recepção oferecida pela Prefeitura de Prato.

Sábado, 15 de abril: “Ridotto” do Teatro Comunal “Metastasio”.

09,00 horas. — *I Sessão*: Origens e tipologia dos instrumentos de crédito.

Relatório:

Prof. F. Melis, Universidade de Florença: *La grande conquista trecentesca del “credito di esercizio” e la tipologia dei suoi strumenti fino al XVI secolo*.

Comunicações:

Prof. E. Ashtor, Universidade de Jerusalém: *Les origines orientales des instruments bancaires.*

Prof. R. de Roover, Universidade de Brooklyn: *Change, intérêt et escompte.*

Prof. E. B. Fryde, Universidade de Aberystwyth: *Private Credit Facilities in England, c. 1270-1500.*

Prof. R. Gascon, Universidade de Lyon: *Les marchands français et l'usage de la lettre de change au XVIIe siècle: essai d'analyse quantitative.*

Prof. P. Harsin, Universidade de Liège: *L'escompte des lettres de change en France aux XVIIe et XVIIIe siècles.*

Prof. P. Jeannin, Escola de Altos Estudos (Paris): *Les instruments de crédit dans l'espace hanséatique au XVIe siècle.*

11,00 horas. — *Discussão.*

Domíngo, 16 de abril.

09,00 horas. — *II Sessão: Acumulação bancária e taxa de juros.*

Relatório:

Prof. C. M. Cipolla, Universidade de Pavia: *Un personaggio misterioso: il tasso di interesse.*

Comunicações:

Prof. A. M. Anfimov, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Moscou): *Credito ipotecario e costi alla fine del XIX secolo-inizio del XX.*

Prof. P. Deane, Universidade de Cambridge: título a comunicar.

Prof. A. G. Mankov, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Leningrado): *Prestiti come forma di scambio di mezzi nell'economia feudale della Russia del XVIII secolo.*

Prof. M. Morineau, Universidade de Paris: *Quelques remarques sur l'abondance monétaire aux Provinces-Unies.*

11,00 horas. — *Discussão.*

Segunda-feira, 17 de abril: "Monte dei Paschi di Siena", Siena.

09,00 horas. — *III Sessão: A diferenciação do crédito.*

Relatório:

Prof. P. Mathias, Universidade de Oxford: *The structure of credit and eighteenth Century business.*

Comunicações:

Prof. P. W. Klein, Universidade de Roterdão: *Le rapport entre les banques et l'industrialisation moderne aux Pays-Bas (deuxième moitié du 19e siècle).*

Prof. G. Mira, Universidade de Perúgia: *Alcuni aspetti del credito su pegno.*

Prof. N. E. Nosov, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Leningrado):
Il ruolo del credito nello sviluppo delle cave di salgemma nella Russia del XVI secolo.

Prof. P. Pagliuzzi, Universidade de Rona: *La specializzazione del credito risponde ad un canone inderogabile di gestione bancaria o piuttosto a condizioni particolari — e quindi modificabili — dell'ambiente economico?*

Prof. V. I. Rutenburg, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Leningrado):
Capitale bancario nell'industria tessile nell'Italia della fine del XV secolo e inizio del XVI.

11,00 horas. — *Discussão.*

Têrça-feira, 18 de abril: "Ridotto" do Tatro Comunal "Metastasio".

09,00 horas. — *IV Sessão: Banco e mercado monetário.*

Relatório:

Prof. H. A. Miskimin, Universidade de Yale: *The Enforcement of Gresham's Law.*

Comunicações:

Prof. J. Favier, Universidade de Paris: *Banque et société bancaire à Paris au XVe siècle.*

Prof. M. Lévy-Leboyer, Universidade Paris: *Les grandes banques françaises de dépôt, 1848-1939.*

Prof. U. Tucci, Universidade de Trieste: *Convertibilità e copertura metallica della moneta nel Banco-giro veneziano.*

Prof. W. von Stromer, da Universidade de Nuremberga: *Die Funktion der Wechsel-Stuben in Oberdeutschland und im den Rheinlanden.*

11,00 horas. — *Discussão.*

Quarta-feira, 19 de abril:

09,00 horas. — *V Sessão: O banco privado.*

Relatório:

Prof. J.-F. Bergier, Universidade de Zurique — Prof. F. Ruiz Martín, Universidade de Bilbao: *La dynamique de la banque privée.*

Comunicações:

Prof. H. Kellenbenz, da Universidade de Nuremberga: *Die Privatbank in Mittel-europa um 1600.*

Prof. L. S. Pressnell, Universidade de Londres: *Banks and their Predecessors in the Economy of eighteenth Century England.*

Prof. H. Samsonowicz, Universidade de Varsóvia: *Les débuts des banques privées en Pologne.*

11,00 horas. — *Discussão.*

Quinta-feira, 20 de abril.

09,00 horas. — *VI Sessão: O banco público.*

Relatório:

Prof. D. Demarco, Universidade de Nápoles: *Origini e vicende dei banche pubblici. I banche napoletani.*

Comunicações:

Prof. V. V. Analic, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Leningrado): *Banca dello Stato in Russia ed esportazione di capitali alla fine del XIX secolo-inizio XX.*

Prof. M. Bogucka, Universidade de Varsóvia: *Le marché monétaire de Gdansk et les problèmes du crédit public au cours de la première moitié du XVIIe siècle.*

Prof. A. Di Vittorio, Universidade de Bari: *Banche e finanziamento dello Stato asburgico agli inizi del '700.*

Prof. V. I. Neupokoev, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Moscou): *Il sistema della concessione crediti su pignoramento di proprietà padronali nella Russia della prima metà del XIX secolo.*

Prof. N. I. Pavlenko, Academia das Ciências da U. R. S. S. (Moscou): *Banche dello Stato in Russia e capitale a usura nel XVIII secolo.*

11,00 horas. — *Discussão.*

Sexta-feira, 21 de abril: "Sala Maggiore" do Palácio Comunal.

09,00 horas. — *VII Sessão: O banco de emissão.*

Relatório:

Prof. R. Sayers, Universidade de Londres: *From Note Issue to Central Banking, 1800-1930.*

Discussão.

11,30 horas. — Discurso de encerramento.

E. S. P.

* *
*

I SEMANA DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS DE PONTE NOVA (U. C. M. G.).

Realiza-se de 4 a 10 de junho próximo a I Semana de Estudos da Faculdade de Ciências Humanas de Ponte Nova (U. C. M. G.) (Minas Gerais), que terá como tema central: *O Brasil no Século XVIII — O Século Mineiro*, que será subdividido em:

1. — O ouro — sua exploração;
2. — A sociedade;
3. — Minas, polo de desenvolvimento do Brasil;
4. — A tributação em Minas;
5. — Vida artística e literária — Barroco;
6. — As irmandades religiosas.

Quaisquer informações sôbre a Semana, deverão ser solicitadas à Coordenadora, Profa. Marina de Avellar Sena, Rua São Paulo, 638, sala 731. Telefone: 37-9646. Belo-Horizonte.

E. S. P.

* *
*

IV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO OCEANO ÍNDICO.

Realiza-se de 4 a 9 de setembro em Saint-Denis-De-la Réunion o IV Congresso da Associação Internacional do Oceano Índico com o seguinte temário:

Relatório Gerais sôbre:

1. — A expansão muçulmana (622-1498).
2. — O povoamento de Madagascar.
3. — As comunidades indianas e indonésias.
4. — A expansão européia (séculos XVI-XVIII).
5. — O tráfico africano.
6. — Os estabelecimentos europeus nos séculos XIX e XX.
7. — As diásporas indiana e chinesa nos séculos XIX e XX.

Comunicações sôbre:

1. — O papel das mulheres nas migrações.
2. — As condições técnicas de transporte do migrantes.
3. — Os problemas lingüísticos.
4. — A ascensão dos migrantes à cidadania no seu país de adoção, após a II Guerra Mundial.
5. — Os documentos de arquivo sôbre a origem dos migrantes.
6. — A cartografia náutica do Oceano Índico.

As inscrições deverão ser feitas através da Secretaria Geral da Associação (B. P. 349. Saint-Denis-De-La-Reunion. Oceano Índico). Será cobrada uma taxa de 50 Francos que deverá ser enviada ao Banco da Ilha Reunião (Compte X 528 71).

E. S. P.

* *
*

COMEMORAÇÃO DO VII CENTENÁRIO DA MORTE DE SÃO BOAVENTURA E HONRA CONCEDIDA A COLABORADOR DA REVISTA.

Em 14 de julho de 1974 teremos o VII centenário da morte de São Boaventura e resolveu-se publicar um volume especial dedicado ao Santo. Entre os especialistas convidados a colaborar nesse volume pela *Comisio Internationalis Bonaventuriana* figura o nome do nosso colaborador Prof. Nachman Falbel que tem escrito na nossa *Revista de História* vários artigos sobre São Boaventura. Essa distinção nos é especialmente cara, pois mostra que o trabalho do nosso jovem colaborador foi notado pelos especialistas no assunto.

E. S. P.

* *
*

COMISSÃO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MARÍTIMA E O CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS EM SÃO FRANCISCO.

(Agosto de 1975).

A reunião da Comissão Internacional de História Marítima que será realizada por ocasião do Congresso Internacional de Ciências Históricas de São Francisco (Agosto de 1975) terá como tema geral de estudos o seguinte: *Curso e pirataria. A empresa privada na guerra marítima: sua economia e sua influência sobre os descobrimentos.*

Em São Francisco a Comissão Internacional de História Marítima será recepcionada pela secção local da *Society of the History of Discoveries*.

Pensa-se como plano de trabalho inicial no seguinte: cinco ou seis relatórios gerais escolhidos pela Comissão, concernentes aos seguintes pontos:

- a). — Introdução do caráter econômico na História e o papel do curso e da pirataria.
- b). — Um relatório sobre o curso e a pirataria no Mediterrâneo medieval e no XVI século.
- c). — Um relatório sobre a pirataria e a guerra de curso na época moderna nos mares europeus e americanos.
- d). — Um relatório sobre a guerra de curso e a pirataria na época contemporânea, isto é, depois da Guerra de Independência dos Estados Unidos no Atlântico.
- e). — Um relatório sobre a pirataria no Extremo-Oriente e no Pacífico.
- f). — Um relatório sobre a guerra de curso e a pirataria na rota das Índias orientais.

Comunicações poderão ser enviadas mas devem estar relacionadas com os temas enunciados.

Tôda e qualquer correspondência sôbre êsse assunto deverá ser dirigida ao Prof. Mich:l Mollat. Université de Paris-Sorbonne (Lettres et Civilisations). 1, rue Victor Cousin. Paris (Ve).

E. S. P.

* *
*

CONCURSO DE ENSAIOS OU MONOGRAFIAS SÔBRE OS “LUSÍADAS” EM PORTUGAL.

1. — E' por êste meio aberto concurso, pela Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*, para atribuição de um prêmio no valor de 15.000\$00 pelo melhor ensaio ou monografia sôbre “Os Lusíadas”.
2. — Podem concorrer a êste prêmio os alunos finalistas de Letras dos Liceus portugueses e brasileiros e os alunos das Faculdades de Letras de Portugal e do Brasil.
3. — Os trabalhos dos concorrentes terão o máximo de 100 e o mínimo de 50 páginas, dactilografadas a dois espaços, em papel normalizado com as dimensões de 30 cms. de altura por 21 cms. de largura.
4. — Os concorrentes enviarão 5 cópias dos seus trabalhos ao Presidente do Júri, para o Palácio de São Bento — Lisboa — assinadas com pseudônimo, juntando em carta lacrada, a sua identificação: nome, domicílio, estabelecimento de ensino que frequênta e nacionalidade.
5. — O Concurso considera-se aberto desde a data da publicação dêste Regulamento, e será encerrado em 30 de setembro de 1972, cabendo à Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas* decidir sôbre a oportunidade e o modo de proclamação do vencedor.
6. — Das decisões do Júri não haverá recurso, e todos os assuntos referentes ao concurso serão resolvidos por maioria de votos comunicando-se aos interessados as decisões tomadas.
Não se restituirão os originais recebidos.
7. — A Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas* poderá fazer publicar o original premiado de acordo com o autor, durante o período das comemorações.

NOTA: Outras informações poderão ser dadas no Centro de Turismo de Portugal, Rua Santa Luzia, 827 — Rio de Janeiro ou na sua Delegação em São Paulo, Praça D. José Gaspar, 106 — loja 21 — São Paulo.

* *
*

VI SEMINÁRIO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA.

PARA ALUNOS DE CURSOS DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS E PROFESSORES DO PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS E DO ENSINO SUPERIOR.

BRASÍLIA, D. F. — 31 DE JULHO A 3 DE AGOSTO DE 1972.

A LINGÜÍSTICA NO CONTEXTO SÓCIO-EDUCACIONAL BRASILEIRO.

Promoção:

Centro Universitário de Brasília;
Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi, São Paulo;
Associação Brasileira de Lingüística.

Temas principais das conferências e de atividades dos grupos de trabalho:

1. — Lingüística e Alfabetização;
2. — Tarefas da Sociolingüística;
3. — O ensino de português pela televisão;
4. — A lingüística e a gramática portuguesa no ensino de 1º grau;
5. — A lingüística aplicada ao ensino de francês;
6. — Três tipos de abordagens aos estudos gramaticais;
7. — A formação de intérpretes e tradutores;
8. — Novas perspectivas na descrição do português do Brasil;
9. — A língua portuguesa nos cursos de educação integrada;
10. — O ensino de inglês no 1º e 2º graus.

INFORMAÇÕES: Centro de Lingüística Aplicada Yázigi.
Av. 9 de Julho, 3166, São Paulo, SP.

* *
*

CURSOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo realizará em breve dois cursos de extensão universitária:

1. — PROBLEMAS ELEMENTARES DE CONSERVAÇÃO MUSEOLÓGICA.

De 24 a 28 de abril, das 8,30 às 12,30 horas. O objetivo é dar, principalmente a pessoas em atividades em Museus, algumas noções básicas relativas a exame de

materiais e seus fatores de alteração, medidas preventivas de caráter geral e técnicas elementares de conservação.

O curso será ministrado pelos Professores Sérgio Lima, responsável pelo Laboratório de Conservação do Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), estagiário do Centro Latino Americano para a Conservação e Restauração de Bens Culturais da UNESCO, no México, e Beatriz Pellizzetti, da Universidade Federal do Paraná, estagiária do Instituto Central de Restauo, de Roma.

Prazo e local de inscrição: de 17 a 24 de abril, das 10,00 às 19,00 horas, no Museu de Arqueologia e Etnologia (Edifício de Geografia e História, Cidade Universitária). Poderão inscrever-se os portadores de curso superior ou de matrícula em curso superior ou, pelo menos, quem exerça funções técnico-científicas em museus.

Este curso é co-patrocinado pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

2. — ASPECTO DO PENSAMENTO ANTIGO DO MÉDIO ORIENTE.

Será realizado no correr de maio próximo, totalizando 8 aulas ministrada pela Profa. Elena Cassin-Vernant, Doutora pelas Universidades de Roma e Paris, Diretora de Pesquisas do Centro Nacional da Pesquisa Científica de Paris, membro da Missão Arqueológica Francesa em Susa (Pérsia) e no Iraque, autora de importantes obras e colaboradora em vários periódicos científicos. As datas precisas serão comunicadas oportunamente. Os principais temas são os seguintes: Os mitos cosmogônicos (criação da terra, dilúvio e criação do homem); a situação da mulher: classes de idade — o problema da virgindade — qualificação religiosa da mulher e seus poderes; a cidade: qualificação do espaço na Mesopotâmia.

ULPIANO BEZERRA DE MENEZES

* * *

FALECIMENTO DO PROFESSOR GIUSEPPE CARACI.

Levamos ao conhecimento dos nossos leitores o falecimento, em 28 de setembro de 1971, do Prof. Giuseppe Caraci, da Universidade de Roma. Essa infausta notícia nos entristece bastante e sempre nos lembraremos dele como de um professor sempre interessado nas cousas do Brasil. Foi nosso colaborador, nos honrando, diversas vezes, com os seus lúcidos artigos. Sempre se interessou pela História dos Descobrimentos Marítimos.

E. S. P.

* *
*

RECEBEMOS DO PROF. SÉRGIO PAULO MOREYRA A SEGUINTE CARTA:

São Paulo, 26 de junho de 1972.

Senhor Diretor.

A Revista dirigida por V. S. publicou, em seu número 88, a comunicação apresentada pela professora Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles à 23a. reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sob o título "A Pesquisa Histórica em Goiás".

Anexa a essa comunicação foi publicada uma "Resenha Bibliográfica" apresentada como de nossa autoria e sobre a qual prestamos esclarecimentos:

1. — O listamento bibliográfico mencionado foi por nós cedido à professora, sem conhecermos sua intenção de incluí-la em texto para apresentação pública.
2. — Da mesma forma que o cedemos à professora Gilka Ferreira Salles, anteriormente o havíamos cedido a outras pessoas, que fizeram diversas anotações marginais, muitas das quais meramente impressionistas pelas quais não desejamos nos responsabilizar.
3. — Não cabe qualquer culpa à autora da comunicação por não ter sido advertida da existência de "contribuições" paralelas feitas ao texto.
4. — Esse listamento é parte de um trabalho mais extenso e mais cuidadoso que realizamos juntamente com o professor Ático Villas Boas da Motta e já encaminhado à publicação, pelo Departamento Estadual de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás sob o título "Estudos Goianos: Uma Introdução Bibliográfica".

Atenciosamente.

Sérgio Paulo Moreyra.

* *
*

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SÔBRE INSTITUIÇÕES
BRASILEIRAS.

(8 de agosto-12 de dezembro de 1972).

Realiza de 8 de agosto a 12 de dezembro do corrente ano um curso de Extensão Universitária sobre Instituições Brasileiras, promovido pela Sociedade de Estudos

Históricos e pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade e sob os auspícios da Reitoria da Universidade de São Paulo.

O curso será realizado tôdas as segundas e terceiras terças feiras de cada mês, às 21 horas, no anfiteatro do Departamento de História (edifício de Geografia e História — Cidade Universitária). A carga horária prevista é de 30 horas.

O programa é o seguinte:

Agôsto.

Dia 8.

- a). — *Conferência*: “A Constituinte de 1823 e a Constituição de 1824”, pelo Prof. Pedro Brasil Bandecchi.
- b). — *Debates*.

Dia 15.

Seminário: sob a responsabilidade do Professor conferencista.

Setembro.

Dia 12.

- a). — *Conferência*: “As Instituições Políticas na Primeira República”, pelo Prof. Francisco Corrêa Weffort.
- b). — *Debates*.

Dia 19.

Seminário: sob a responsabilidade do Professor conferencista.

Outubro.

Dia 10.

- a). — *Conferência*: “As Instituições na Dinâmica do Processo Histórico”, pela Profa. Alice Piffer Canabrava.
- b). — *Debates*.

Dia 17.

Seminário: sob a responsabilidade da Professôra conferencista.

Novembro.

Dia 14.

- a). — *Conferência*: “Coronelismo e realidade política brasileira: a 1a. República”, pelo Prof. Edgard Carone.
- b). — *Debates*.

Dia 21.

Seminário: sob a responsabilidade do Professor conferencista.